

Personagem-submersa: o encantamento como criação literária em Dalcídio Jurandir

Erika de Aquino¹

[...] não basta saber: é preciso sonhar para realmente conhecer as coisas a fundo.

Hanna Limulja

Considerando que viver é artimanha que se cultiva entre aquilo que se enxerga e aquilo que mora no invisível, seguimos o rastro da flecha que atravessa o tempo: o contrário da vida não é a morte, o contrário da vida é o desencanto.

Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino

Dalcídio Jurandir, natural do Pará, nasceu em Cachoeira do Arari, Marajó. Viveu de 1909 a 1979. Publicou onze romances (entre 1941-1978), separados em dois projetos: o que ele chamou ‘Extremo Norte’ e o que se convencionou chamar ‘Extremo Sul’. Do projeto ‘Extremo Sul’ faz parte apenas um livro encomendado pelo partido comunista, ao qual o autor foi filiado, intitulado *Linha do Parque* (1959), que tem como tema a vida operária dos trabalhadores do sul do país. Da série ‘Extremo Norte’, seu grande projeto, fazem parte dez livros. Neste conjunto, entre mudanças e permanências, o protagonista é Alfredo Coimbra, retratado dos nove aos vinte anos de idade. De seu lugar de origem, fez-se a gênese do universo ficcional dalcidiano e para o qual a pesquisa imergirá.

Do conjunto de obra de dez romances, propomos o estudo de três livros que formam a sequência da formação escolar de Alfredo no Liceu. Em *Primeira Manhã* (1967), o primeiro romance de agrupamento dos livros, Alfredo está com dezesseis anos e vai ingressar, pela primeira vez, no universo formal da escola como aluno do antigo ginásio no Liceu da cidade de Belém do Pará. Em *Ponte do Galo* (1971), Alfredo viaja nas férias para a vila de sua família e leva consigo o conflito de não estar se adaptando ao ensino. Em *Os habitantes* (1976), o ginásio cada vez mais se distancia da escola e questiona qual seu lugar na cidade que tanto desejou morar para estudar. Em meio a todos esses conflitos internos de Alfredo, ele projeta suas angústias em Luciana Boaventura, a filha do coronel, em cuja casa foi morar a partir do ingresso no Liceu. Esta pesquisa tem interesse em estudar a construção poética dessa personagem.

Luciana era a filha caçula do coronel Braulino Boaventura e adentra a história como uma figura encantada, uma vez que, por desentendimentos ela desapareceu, criando-se entre

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras em Estudos Literários da Universidade federal do Pará (UFPA), período: março de 2023 a março de 2025. E-mail: aquinomartins@gmail.com

os familiares o silêncio sobre a confirmação ou não de sua morte. Destacamos que dizer que a personagem é encantada, vai além de um entendimento místico, consiste também em considerar um outro olhar sobre o mundo, um outro *modus operandi* social que se transmuta para a literatura por meio do trabalho com a linguagem. A personagem não está fisicamente presente na residência dos Boaventura, no entanto, sua figura se perpetua no quarto que era dela, nos objetos deixados pela casa, deixando no vazio de sua ausência um mistério no ar. A partir do momento que o jovem rapaz ouve de D. Santa – velha parteira e irmã do coronel – a má ventura de Luciana enquanto no seio familiar, o protagonista toma para si o drama da moça e com ela se confunde, pois ao procurar entender a culpa de Luciana e o paradeiro dela, ele também revela aflições e dúvidas sobre qual o lugar dele no mundo, evidenciando momentos de desencanto com a cidade moderna.

Alfredo é personagem saudosa que nos possibilita conhecer suas idiossincrasias por meio de imagens oníricas, mesmo que estas se deem em vigília. Em muitas passagens dos romances, ele adentra fluxos de pensamento prestes a dormir ou no despertar, deitado na rede confabulando mundos. Em *O desejo dos outros* (2022) de Hanna Limulja, a antropóloga nos explica que para o povo Yanomami, sonhar é uma maneira de conhecimento, pois diz que quando “os Yanomami querem conhecer uma coisa de verdade, eles se esforçam em sonhá-la” (Limulja, 2022, p.52). Acreditamos que na narrativa de Dalcídio Jurandir há muitas evocações afro-indígenas – Mãe Ciana e a venda de suas ervas e cheiros, os batuques, manifestações do catolicismo popular, mitos de fundação de lugares como o Igarapé das Almas citado em *Primeira Manhã*, o tratamento de personagens em simbiose com a natureza, dentre tantos outros exemplos – que se perpetuam no conhecimento empírico coletivo por meio da mistura das práticas populares evidenciando um ponto de vista singular. O sonhar é um dos saberes que aprendemos com nossos mais velhos ao nos ensinarem que são oráculos que nos ajudam e nos alertam no tempo desperto. Desse modo, percebemos na trajetória de Alfredo muitas passagens em que a noite ou o crepúsculo servem para a realização do imaginário da personagem. Como em um sonho, ele se permite conhecer melhor as coisas pelas imagens que surgem. Assim nos é apresentada Luciana, no delírio da noite, à espera pelo amanhecer que traz a voz da parteira D. Santa, tia de Luciana:

Porém, à noite, ontem, com o pouquinho de sono, nas visões da rede e sequioso de miragens, à espera do amanhecer para uniformizar-se e partir, chegava-lhe de novo a voz da velha parteira contando-lhe, naqueles dias sem uniforme: Era um outubro seco, queimando os campos, o rio debaixo da lama e de repente a trovoada, o raio no taperebazeiro, dezesseis porcos matava, dentro da casa racha um esteio, e o quarto, onde estava presa a Luciana, tão brusco escancara-se. (Jurandir, 1967, p.10-11)

Podemos interpretar a porta que se escancara como a fuga de Luciana para outra vida, para seu desaparecimento na cidade de Belém e o nascimento da figura encantada que Alfredo tanto busca. No ensaio *Um aspecto da diversidade cultural do cabloco amazônico: a religião*, o antropólogo Heraldo Maués, explica:

Os encantados, ao contrário dos santos, são seres humanos que não morreram, mas se “encantaram”. Essa crença tem certamente origem europeia, estando ligada às concepções de príncipes ou princesas encantadas que ainda sobrevivem nas histórias infantis de todo o mundo ocidental. Mas foi influenciada por concepções de origem indígena, de lugares situados “no fundo”, ou abaixo da superfície terrestre, e provavelmente também por concepções de entidades de origem africana, como os orixás, seres que não se confundem com os espíritos dos mortos. (Maués, 2005, p. 262)

A partir da revelação sobre Luciana para Alfredo, ela começa a irromper na narrativa como personagem “do fundo” – fora do enredo, mas presente nas aberturas da memória – a quem Alfredo busca em pensamento para evidenciar a sua inapropriação ao mundo moderno. Além dessa personagem, ele convoca muitas outras do lugar de origem, como se pesasse sobre si a história de um povo a quem ele deveria honrar o desejo de fazer parte do mundo letrado:

Que é isto; aprender? aprender? Saber? Tere ium [sic] dom? Repleto dos meninos e meninas de Marajó, sentia-se o mais velho da classe mais obrigado a estudar, o mais exigido. Do interior, ali, era o único? Todos ao feitio da cidade, menos este que é a cor do chão, da maré, da Dolorosa, a alfazema, os limos de Santana. (Jurandir, 1967, p. 19)

A presença de Luciana

A casa em que Alfredo é recebido foi construída pelo pai de Luciana para que ela pudesse estudar na Capital, já que, como Alfredo, também era oriunda de Cachoeira do Arari. Entretanto, acontece um interdito sobre o modo de ser de Luciana no mundo, advindo dos parentes, que relacionou a maneira dela se relacionar com a natureza e a desobediência ao que é considerado “normal” às características animais, afastando-a de concepção de humana: “‘Esta não nasceu de mim, mas daquele aturiá’, resmungou a mãe. O certo é que a Jovita chega de cismar que emprenhou dum bicho lá do mangue, prenhez feita de longe e que botou no mundo a criatura.” (Jurandir, 1967, p.227). Luciana passava mais tempos nos campos, rios e encharcados do que em convivência com a família.

No ensaio *Encantamento: sobre política e vida* (2020), Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino, apresentando-nos seus entendimentos sobre encantados, escrevem que “Para a maioria dos seres que não experimentam o mundo a partir dos alpendres da Casa Grande (...), cabe entender o encantamento como ato de desobediência, transgressão, invenção e

reconexão: afirmação da vida, em suma.” (Rufino; Simas, 2020, p.5). Assim sistematizamos Luciana como uma personagem que transgredir as normas da família na ficção, transgredir o enredo ao aparecer na camada narrativa da memória e transgredir a noção de personagem ao nos instigar outra forma de conhecer a construção poética do elemento narrativo. A partir do que nos esclarecem a dupla de pesquisadores: “O encantado é aquele que obteve a experiência de atravessar o tempo e se transmutar em diferentes expressões da natureza” (Rufino; Simas, 2020, p.5). Alfredo, ao querer tirar Luciana do esquecimento, dando-lhe um rosto por meio da palavra dos outros personagens, seguindo rastros encontrados nos romances, procura reconstituir a história que foi ocultada, história que também é dele. E assim, vamos conhecendo a desaparecida:

Sabia-se que Luciana passava a cavalo pela baixa nas horas. do sol se pondo, debandando guará e garça, como coisa que ia ali enterrar seus sonhos ou pedir um encanto. Contava que os peixes, bichos, dali moradores então que conheciam ela, com ela se entretiam. “Mergulhei na baixa e eu e o meu cavalo e saí foi limpinha, enxuta-enxuta, o cavalo era ver um cetim, lá no fundo é até prateado, luze, parece que tem um garçal só ninho”. Assim falou, uma noite, respondendo ao ralhio das irmãs que lhe diziam: deixa que um dia, doida, ali tu te some e de ti nem lembrança. (Jurandir, 1967, p.226-227)

Luciana é marcante nas três obras do recorte, anteriormente citado, por isso, a opção pelos três livros. A trilogia ilustra a distinção no tratamento da personagem que surge no primeiro livro como personagem sem rosto, citada somente por outras pessoas, até se configurar como personagem de presença física, mas, ainda assim, parcial. Sua passagem pelo romance termina sem se ter uma descrição que ofereça uma imagem sólida da personagem, no entanto, ela se distingue das figuras femininas que aparecem nos romances; Alfredo constrói uma relação muito particular com as meninas e as mulheres que aparecem em sua vida, por meio delas, compreende-se muito de sua visão sobre o mundo, no entanto, Luciana só existe no seu imaginário, enquanto que com outras personagens mulheres ele conviveu e/ou as conheceu. A filha do coronel vai ganhando forma à medida que ele a reconstitui a partir do que lhe contam, somando cada informação recebida, atento aos detalhes e a tudo o que se referia a ela:

Nunca soltou tanto o cabelo, virava-o para o sol poente, para o sol nascente, sobre as folhas do Evangelho, roçando os pés do São Expedito no quadro, pronta a imprimir os cartões no chalé. O pastor, fechando a Escritura, via descerem do cabelo solto os caranguejos da Tentação, as águas do Jandiá onde Luciana se banhava. Fosse onde fosse, a tal moça a cavalo e de baeta encarnada, correndo pelos campos da Camamoró era que não saía dos olhos do pastor, Luciana ali no cavalo, de seus próprios cabelos fazia a sela, deusa dos encharcados galopando sobre a Bíblia. (Jurandir, 1971, p.22)

E seguindo os rastros, onde se pode, por meio das pistas da linguagem, acompanhar a personagem, Alfredo empenha-se em reconstituir a história de Luciana. Assim, dentro do projeto dos três livros, certas questões vão-se colocando: Quem é a Luciana dos sonhos de

Alfredo? O que a levou a sair de casa e ser condenada ao desterro pela família que, no entanto, cultua a sua memória? Qual a sua função na narrativa? Como se entenderia o conceito de encantado na criação de personagem? Ela ajuda na reflexão sobre o mal-estar do sujeito inserido na modernidade?

Luciana não aparece no tempo presente da narração, ela é um sujeito do passado que é trazida para a história por meio das lembranças que outros têm dela. As oscilações do tempo constroem um movimento de rasura dos enunciados, abrindo-se para outros enunciados, como se, de repente, fossemos surpreendidos a mergulhar nas memórias sobre ela. Por isso, pensamos desenvolver a ideia de Personagem-submersa, – sem fixação de traços psíquicos e atos, sua lógica decorre da imersão do personagem principal em analepses que constroem um caráter turvo para a personagem, fundamental para a história, mas ausente do enredo.

Assim Luciana se revela nos mergulhos temporais da narrativa, possibilitando a interpretação da construção discursiva que se privilegia de epistemologias populares como a dos Encantados dentro da linguagem literária. Os Encantados são seres que não morreram, mas que desaparecem misteriosamente, vencendo a morte e, por vezes, são seres que trazem consigo o poder da cura e podem ser acessados dentro de certos contextos ritualísticos conforme estudos de Maués (2005). Os romances não sanam a dúvida sobre a morte de Luciana e a apresentam como personagem necessária para os processos de autoconhecimento de Alfredo.

O desencanto com a modernidade

Em Dalcídio Jurandir o Marajó é um mundo, não somente por sua extensão física, mas por partirem deste tópos imaginário e real todas as venturas e questões humanas que cercarão as obras do escritor que seguirão do arquipélago ao continente em que se situa Belém. Emprestei analogicamente a imagem do texto de Antonio Candido (1983) *O homem dos avessos* onde trata do livro de Guimarães Rosa em que detecta uma força de invenção que transfigura o sertão concomitante a representação da realidade histórico-social:

a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e pelo nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico, – tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que subtrai o livro à matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares-comuns sem os quais a arte não sobrevive: dor, amor, morte, – para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e que, na verdade, o sertão é o mundo. (Candido, 1983, p. 295).

No projeto literário de Dalcídio Jurandir, do lugar de origem nascem todas as metáforas. Marajó é a gênese do mundo para Alfredo, ele está sempre buscando algo que lhe falta, algo que não tem. A personagem principal faz o percurso do habitante da floresta para a cidade,

mas nunca se convence do seu lugar nesta, retornando constantemente em lembranças para Cachoeira. Ao se questionar sobre Luciana o rapaz questiona a ele mesmo. Apresenta o drama dos não privilegiados: era preciso se adequar a uma sociedade moderna que não os incluía. Dalcídio Jurandir ao colocar a personagem buscando por Luciana, também coloca em questão o próprio fazer literário e a compreensão sobre a linguagem poética que traduz a vida para o romance.

O surgimento de Luciana coincide com a mudança na estrutura narrativa do romance que coincide com mudanças internas de Alfredo. Camila do Valle, no texto *Literatura da Amazônia – dificuldades de surgimento e classificação de um campo* (2011), ao nos apresentar Alfredo como um jovem que vive de sua memória e em constante luta pela adaptação, comenta que na obra romanesca de Jurandir:

o deslocamento torna-se um questionamento sobre se não seria um equívoco de direção. A saudade e a memória dos campos livres de Cachoeira, hoje tão cheio de conflitos e cercas, não lhe deixa entregar seu sonho de juventude a nenhum sonho de progresso, modernização ou nacionalidade. (Valle, 2011, p.10)

Uma modernidade que não contemplava Alfredo e, talvez, nenhuma outra personagem de Dalcídio – Edmundo volta da Inglaterra; Missunga fracassa na escola e volta para a vila; Eutanázio não se realiza como escritor. O mal-estar de Alfredo era permeado pelas lembranças das origens que brigavam com a sensação de falta de acolhimento da cidade que prometera em seus sonhos um futuro melhor. O futuro que não existiu como possibilidade para Luciana. Desse modo, Luciana passa a ser uma influência na concepção de mundo de Alfredo. As duas personagens: uma de dentro do enredo e outra de fora, possuem semelhanças e tratamentos distintos na narrativa, mas que se complementam.

Com essa técnica, o autor ao trazer Luciana para a narrativa faz Alfredo confrontar a própria imagem de menino cidadão vivendo seu drama colegial de acesso ao conhecimento formal, mas da qual ele não se convence e o tempo todo é convocado a voltar para o Marajó. É o sentimento de quem não se via na narrativa de identidade nacional que estava se buscando no Brasil. Em *Jamais fomos modernos* (1994), Bruno Latour nos faz refletir sobre a tentativa de separar natureza e cultura, o que seria uma violência sobre humanidades que se apartam do pensamento ocidental que supõe uma dualidade ontológica. As personagens de Dalcídio, representem a fusão da natureza e cultura. Tais ideias nos fazem trazer para reflexão o que Stuart Hall abordara em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2005) ao pensar a questão da crise de identidade que tomara as discussões em teoria social.

Na terceira parte do livro intitulada *As culturas nacionais como comunidades imaginadas*, Hall indaga sobre o que aconteceria à identidade cultural na modernidade tardia e

como as identidades culturais foram afetadas ou deslocadas do processo de globalização, o autor salienta que as nações são como comunidades imaginadas, que perduram pelo resgate do passado, pelo desejo de comunidade e pela perpetuação da herança. Na contramão da concepção de cultura nacional como identidade unificadora, o autor expõe que as culturas nacionais “são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo unificadas apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural” (Hall, 2005, p.62). Neste sentido, para o autor, as nações modernas são verdadeiros “híbridos culturais”. Palavra retomada no ensaio de Latour, a noção de híbridos procura dar conta dos diversos modos de existir.

Posto isto, consideramos importante aprofundar a relação entre Luciana e Alfredo, sujeitos deslocados, no projeto literário de Dalcídio Jurandir, em que Alfredo, ao buscar a história de Luciana, questiona a impossibilidade de formação do sujeito e o lugar relegado à mulher, em consonância com a forma do romance e elementos ficcionais, com destaque à personagem. A pesquisa em processo, absorta na problematização da personagem, adentrará a discussão de como o encontro entre Alfredo e a encantada Luciana expõe a crise do sujeito moderno que está em desencanto, pois como argumentam Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino:

Acontece que o humano, como métrica de uma conjunção entre o branco, homem, cristão, obcecado pelo consumo e acúmulo esqueceu que é natureza. Se blindou de civilização a ponto de esquecer que é somente mais uma manifestação do vivo integrado a um amplo e complexo organismo. Por se distanciar disso tem perdido a vivacidade, se adequando a um padrão de desencantamento. (Rufino; Simas, 2020, p.8)

Portanto, o desencantamento seria uma inadequação, uma política que produz escassez e morte física e simbólica, como o esquecimento de nossas narrativas. É tempo de reencantar e reexistir, e este movimento também deve ser feito nos espaços de poder da academia científica.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. “O homem dos avessos”. In: COUTINHO, Eduardo (Org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: INL/Civilização Brasileira, 1983. p. 294-309. [Coleção Fortuna Crítica, n. 6]

HALL, Stuart. “A identidade cultural na pós-modernidade”. 10a ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2005.

JURANDIR, Dalcídio. *Primeira manhã*. São Paulo: Martins, 1967.

_____. *Ponte do Galo*. São Paulo: Martins, 1971.

_____. *Os habitantes*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Ensaios de antropologia simétrica. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LIMULJA, Hanna. *O desejo dos outros: Uma etnografia dos sonhos Yanomami*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

MAUÉS, Heraldo. *Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião*. Disponível em < scielo.br/j/ea/a/WNMqZ8vbRk3khRh5nRsTtQz/?lang=pt > Acesso em: 20 de outubro de 2022.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. *Encantamento: sobre politica de vida*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

VALLE, Camila do. *Literatura da Amazônia-dificuldades do surgimento e classificação de um campo*. Plural Pluriel: revue des cultures de langue portugaise, nº9, outono-inverno 2011. Disponível em < http://www.plural.digitalia.com.br/index6c09.htmloption=com_content&view=article&id=377:literaturadaamazoniadificuldadesdosurgimentoeclasseificacaodeumcampo&catid=81:numero-9-amazonies-bresiliennes&Itemid=55 >. Acesso em 20 de outubro de 2022.